

## A FESTA DO DIVINO DE MOGI DAS CRUZES-SP

*Neusa de Fátima Mariano\*\**

**Resumo:** A festa do Divino Espírito Santo de Mogi das Cruzes, ao mesmo tempo em que representa o passado na forma de festejo tradicional, circunscreve-se no espaço urbano com toda a sua complexidade. A própria festa moderniza-se na sua organização, o que implica divisão de trabalho, administração das finanças, divulgação pela mídia, entre outros aspectos. A festa, na verdade, atualiza-se na dinâmica da sociedade urbana, incorporando novos valores, ajustando e/ou eliminando os antigos. A festa dos novos tempos redefine-se a cada ano, vai cada vez mais se integrando à lógica do mercado, como espetáculo. Entretanto, a Festa de Mogi comporta também momentos de plenitude pela presença marcante da cultura popular, manifestando (inconscientemente) resíduos de tempos pretéritos, que, uma vez não dominados pelo capital e reunidos, apresentam potencial transformador.

**Palavras-chave:** Festa. Cultura popular. Espetáculo.

**Abstract:** The Divine Holy Ghost Party of Mogi das Cruzes, at the same time that represents the past in the traditional festivities form, describes itself in the urbane space with all its complexity. The proper fest modernizes itself in its organization, what implies division of work, financial administration, and divulgation by media among other aspects. The Party, in reality, updates itself in the dynamic of urbane society, incorporating new values, adjusting and/or eliminating the old values. The party of the new time redefines itself in each year increasingly integrating to the market logic, as spectacle. However, the Party of Mogi admits also moments of plenitude, by the excellent presence of the popular culture, manifesting (unconsciously) residues of preterit times, what, once not dominated by the capital and joined, have transformer potential.

**Keywords:** Party. Popular culture. Spectacle.

---

\* O presente texto é fruto de pesquisa realizada para a conclusão da tese de doutorado, defendida em agosto de 2007. Houve acompanhamento da Festa do Divino em Mogi das Cruzes no período de 2003 a 2007, tendo a coleta de relatos orais sido realizada, na sua maior parte, durante o ano de 2006.

\*\* Doutora em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo. Endereço: Av. Jaguaré, 325. Ed. Paula, apto. 112. Jaguaré, São Paulo – SP. CEP: 05346-000. E-mail: asuen@usp.br.

## A FESTA

... enxergamos nela *[na festa]* uma ocasião na qual a sociedade *penetra no mais profundo de si mesma, naquilo que habitualmente lhe escapa, para compreender-se e restaurar-se.*

Nestor Garcia Canclini (1983)

Na sociedade grega (clássica), a festa estava intimamente ligada à natureza, que representava para os camponeses uma tenebrosa unidade: ao mesmo tempo fantástica – por proporcionar a plenitude da vida – e temível – por suas manifestações catastróficas, como epidemias, invernos rigorosos, tempestades etc. O acontecimento da festa era uma garantia e um agradecimento, uma cooperação à ordem da natureza, sobretudo para que o ciclo das estações do ano propiciasse boa colheita. A festa camponesa, imbuída de muita alegria, fartura, divertimento (danças, músicas, jogos), fortalecia os laços sociais das comunidades e também aflorava comportamentos e desejos recalcados pelas disciplinas coletivas do cotidiano. As energias acumuladas eram, então, libertadas na festa, momento em que tudo era permitido; todos os prazeres possíveis eram tirados da natureza, de cada membro da comunidade e da vida social. (LEFEBVRE, 1958).

Canclini (1983) considera a festa não uma ruptura com o cotidiano, mas o momento de engrandecimento deste pela plenitude que ela proporciona. Para o autor,

[...] a festa sintetiza a totalidade da vida de cada comunidade, a sua organização econômica e suas estruturas culturais, as suas relações políticas e as propostas de mudanças. Num sentido fenomênico é verdade que a festa apresenta uma certa descontinuidade e excepcionalidade: os índios interrompem o trabalho habitual (ainda que para realizar outros, às vezes mais intensos e prolongados), vestem roupa especial, preparam comidas e adornos incomuns. Mas não pensamos que a soma destes fatos seja determinante para situarmos a festa num tempo e lugar opostos ao cotidiano (CANCLINI, 1983, p. 54).

A exuberância da festa, a abolição de regras e a transposição de limites, aparecem como um risco à sociedade, na ocorrência de um período de escassez. É que por ocasião de alguma catástrofe natural, os alimentos da festa, consumidos exageradamente e desperdiçados, seriam lamentados. É esse o risco, o mistério que permeia a ordem das coisas da natureza. A festa, nesse sentido, tornava-se, no interior das atividades cotidianas, uma espécie de aposta sobre o futuro (LEFEBVRE, 1958).

A festa era, então, envolvida por rituais mágicos, celebrações que a tornavam sagrada, sacralizando a comida, a bebida, abençoando a fecundação, a reprodução da vida. A manutenção da festa como tradição, reforçan-

do magias e ritos, tinha como função regularizar as energias, equilibrar a ordem natural (dos ciclos de renovação como nascimento e morte, número de seres humanos e de almas no mundo). O sacrifício, conforme Lefebvre (1958), entendido como doação para a festa, começou a ser diferenciado conforme as classes sociais. Os mais abastados, em evidência social, se “sacrificavam” mais pela festa, enriquecendo-a com suas doações fartas. A prosperidade deles contribuía para a prosperidade geral e, por isso, eram também abençoados e aclamados pela comunidade.

Nesse sentido, segundo Canclini (1983), a festa reproduz também as contradições da sociedade, ou seja, as diferenças sociais e econômicas nela são manifestadas e visíveis.

Os rituais festivos, aos poucos, foram passando da esfera da natureza para a da religião cristã. Conforme Thompson, a Igreja foi cooptando as festividades mais relacionadas à natureza, as consideradas pagãs, tornando-as católicas. Assim, o calendário cristão foi se ajustando ao agrário, ou seja, coincidindo com os períodos de colheita e fartura.

Em geral, o clero que exerce suas funções pastorais com desvelo sempre encontra maneiras de coexistir com as superstições pagãs e heréticas de seu rebanho. Por mais deploráveis que essas soluções de compromisso pareçam aos teólogos, o padre aprende que muitas das crenças e práticas do “folclore” são inofensivas. Se anexados ao calendário religioso anual, podem ser assim cristianizadas, servindo para reforçar a autoridade da Igreja. [...] O mais importante é que a Igreja devia, nos seus rituais, controlar os ritos de passagem da vida pessoal e anexar os festivais populares a seu próprio calendário (THOMPSON, 1998, p. 51).

Para a Igreja, algumas manifestações pagãs, entendidas como inofensivas ao seu poder, não foram banidas, e persistiram como folclore.

Com base em Florestan Fernandes (1998), entende-se que o folclore<sup>1</sup> pode desempenhar uma função social nas festividades religiosas católicas, a partir do momento em que se apresenta como um elo entre o passado e o presente, na transmissão de determinados valores e códigos sociais. Assim, a festa popular passa a ser conhecida por meio de seus componentes de caráter folclórico, o elo entre o passado e o presente, recheado de símbolos e representações, mitos e ritos. Há na festa, portanto, a possibilidade da emergência da espontaneidade, da alegria e da beleza – apesar da tendência a regras impostas, principalmente pela Igreja, sobre os rituais de raízes camponesas.

<sup>1</sup> A intenção não é discutir o conceito de folclore, mas cabe, neste momento, esclarecer que folclore é aqui entendido como parte constitutiva da cultura popular. Esta não se resume somente a elementos folclóricos, mas contém também outros aspectos da vida cotidiana. Apenas se apóia em Florestan Fernandes para mostrar que o folclore também tem um conteúdo, não sendo pura e simples estética que serve ao espetáculo.

Uma vez que se entende a cultura como processo e a cultura popular como a mais arraigadamente tradicional<sup>2</sup> pelo seu caráter espontâneo, é preciso considerar o dinamismo, a contemporaneidade e os “ajustes” no tempo e no espaço. Não há necessidade de “congelamento” da cultura popular para conservá-la, pois ela é a cultura que o povo faz, cria e recria no seu cotidiano, conforme suas condições, numa dinâmica impossível de ser estagnada. Enquanto houver povo, haverá cultura popular, ou seja, ela não morre, pois a tradição<sup>3</sup> é plástica e aceita inovações trazidas pela modernidade. (BOSI, 1987).

Com o advento da Revolução Industrial e a conseqüente fragmentação da vida cotidiana, as tradições festivas da religiosidade popular foram ganhando contornos espetaculares, numa tendência a se tornarem mercadorias, sendo cooptadas pelo capital. Entretanto, segundo Ortiz (1999), mesmo industrializada, a cultura e, no caso, a festa popular não passa a ser inteiramente mercadoria, porque encerra em si um “valor de uso”, inerente à sua manifestação. A tradição pode ser mantida e, inclusive, se fortalecer, utilizando-se, contraditoriamente, de mecanismos mercadológicos que a fragilizam numa tendência ao seu desaparecimento.

Cabe salientar que a festa sempre ilustra uma esperança ou um resíduo,<sup>4</sup> algo que está nela, que pode se manifestar por meio da tradição e da espontaneidade (BLOCH, 2006).

## A UTOPIA DO ESPÍRITO SANTO

No catolicismo, o Espírito Santo é a terceira pessoa da Santíssima Trindade (Pai, Filho e Espírito Santo), sendo considerado o sopro da vida. Assim consta em Gênesis (2, 7), no Antigo Testamento:<sup>5</sup> “Javé Deus plas-

<sup>2</sup> Aqui, ousa-se dizer que a cultura popular é a mais arraigadamente tradicional, porque se entende que a cultura se apresenta de forma bastante plástica, havendo, por exemplo, a cultura de massa, produto da chamada indústria cultural. Essa cultura de massa não se mostra pelas tradições, mas por elementos efêmeros que a compõem, prontos para serem consumidos como mercadoria.

<sup>3</sup> A tradição, conforme Thompson (1998), tem caráter ideológico, em oposição ao pragmatismo, e se caracteriza pela invariabilidade, na realização de práticas fixas, com repetições (cíclicas) formalizadas. Ou seja, as tradições têm sentido no plano subjetivo (e mesmo supersticioso) das idéias, ao passo que os costumes são variáveis e ligados à práxis cotidiana, estabelecendo-se no plano técnico. No entanto, os costumes e as tradições estão associados de forma que a destruição de um acarreta na transformação ou destruição do outro. A fraqueza da tradição manifesta-se quando se perde no tempo o seu caráter ideológico e sua realização é justificada única e simplesmente sob o ponto de vista prático, ou seja, pelo costume. O costume, por sua vez, pode ser tradicional, quando se reveste de sentido mais profundo e ideológico (expresso pelos simbolismos e rituais) na vida cotidiana.

<sup>4</sup> Para Lefebvre (1967), resíduo não é entendido como “sobrevivência” ou “permanência”, mas sim, como algo que não se deixa reduzir, o irredutível; como algo que não se deixa cooptar pelo capital, algo que fica fora dos sistemas e das estruturas; apresenta a esperança de uma transformação no cotidiano, a utopia.

<sup>5</sup> BÍBLIA. 1994, p. 22.

mou o homem, pó da terra, insuflou em suas narinas um sopro de vida, e o homem se tornou um ser vivo”.

Dessa forma, deu-se a “intromissão” do Espírito Santo que originou a vida, por meio do sopro de Deus (ETZEL, 1995). Mas é no Novo Testamento que o Espírito Santo ganha maior visibilidade, pois na liturgia cristã, celebra-se a Sua manifestação em forma de “línguas de fogo” aos apóstolos e à Virgem Maria no dia de Pentecostes – cinquenta dias após a ressurreição de Cristo (Páscoa cristã), assim como Jesus havia anunciado (Atos dos Apóstolos, 1, 8; 2, 1-4).<sup>6</sup> Uma pomba branca representa o Espírito Santo, porque foi sob essa forma que Ele batizou Jesus Cristo (Evangelho Segundo São João, 1, 31-34).<sup>7</sup>

Para os judeus, conforme Araújo (2005), Pentecostes é o dia em que se celebra a colheita realizada cinquenta dias após a chegada de Moisés com seu povo na Terra Prometida; são as primícias oferecidas em agradecimento a Deus pela terra e pela colheita farta.

Javé falou a Moisés, dizendo: “Fala aos filhos de Israel: quando tiverdes entrado no país que eu vos dou, e tiverdes cortado sua ceifa, levareis ao sacerdote um punhado das primícias de vossa ceifa. Ele apresentará esse punhado diante de Javé para atrair sobre ele sua complacência; o sacerdote o apresentará no dia seguinte ao sábado (Levítico, 23, 9-11).<sup>8</sup>

A partir do dia seguinte ao sábado, do dia em que tiverdes levado o punhado para ser apresentado, contareis sete semanas inteiras. Contareis cinquenta dias até o dia seguinte ao sétimo sábado e oferecereis a Javé uma oblação nova. Levareis de vossas casas dois pães para a oferta apresentada; serão feitos com sete litros de flor de farinha e cozidos com levedo; são as primícias oferecidas a Javé” (Levítico, 23, 15-17).<sup>9</sup>

No século XIII, a Europa tomava conhecimento da tese do abade italiano Joaquim de Fiore (1145-1202), que fez divulgar a importância do Espírito Santo para a humanidade, entretanto, em discordância com a doutrina católica (BRANDÃO, 1978). Para Fiore, a Santíssima Trindade era constituída pelo Pai, pelo Filho e pelo Espírito Santo, separadamente – não comportava três pessoas em uma só, como defendia a Igreja. As entidades corresponderiam, na verdade, a três períodos da vida da Terra: o primeiro seria o da Lei ou do Pai, momento da criação do universo, relatado no Antigo Testamento; o segundo período seria o do Filho (Jesus) ou da Fé, que nasce do Pai pregando amor e caridade, registrado no Novo Testamento; por fim, o período do Espírito Santo ou do Júbilo, a alegria, que traria o fim do sofrimento e promoveria a caridade entre os povos. Começaria a ser

<sup>6</sup> BÍBLIA. 1994, p. 1126-1127.

<sup>7</sup> BÍBLIA. 1994, p. 1097.

<sup>8</sup> BÍBLIA. 1994, p. 139.

<sup>9</sup> BÍBLIA. 1994, p. 139.

escrito o Evangelho Eterno, com o advento da Era do Espírito Santo, que estaria por se iniciar no século XIII (LEFEBVRE, 1983; BRANDÃO, 1978).

Así se periodiza el tiempo. El Padre es la ley en todos los sentidos: Ley de sufrimiento y de muerte, Ley moral e política, Ley del Jefe y del Señor, Ley de la guerra y de la lucha por vivir o sobrevivir. El Hijo trae la fe: confianza en el discurso, en la escritura y el saber, en el provenir y el desenlace de los acontecimientos, fe en las capacidades de la organización y de la razón, fe en el conocimiento explicitado durante las discusiones. El Espíritu, por su parte, no trae la alegría: es la alegría. Escapando, sin excluir la violencia, de la Ley de lucha y de guerra, pacificando la vida carnal sin destruirla sino integrándola por el amor y la contemplación en la vida espiritual, desviando hacia él palabras y discursos, el Espíritu indica y abre el camino de la alegría eterna (LEFEBVRE, 1983, p. 151).

Para que o caminho fosse aberto rumo à alegria eterna, seria necessário, conforme Fiore, a presença de um novo “chefe”, assim como foi Jesus Cristo. Esse novo “chefe” substituiria os bispos da Igreja Católica – o que representava ameaça ao poder clerical – e levaria a paz e a harmonia aos povos, acabando com a pobreza e as doenças que aterrorizavam os europeus (BRANDÃO, 1978). Suas idéias ganharam muitos adeptos, entre eles, dos franciscanos, que associaram a figura do novo “chefe” a Francisco de Assis, falecido no início do século XIII (BRANDÃO, 1978).

Segundo a lenda corrente em Portugal, a Rainha Dona Isabel, esposa do Rei Dom Dinis, havia oferecido o cetro e a coroa reais ao Espírito Santo (talvez por estar influenciada pela tese de Fiore, na perspectiva de dias melhores) diante de uma crise pela qual, conta-se, Portugal estava vivendo.<sup>10</sup> Dessa forma, o Espírito Santo tornava-se Imperador de Portugal, com a retirada da Rainha Dona Isabel no Convento de Santa Clara. Finalizada a crise, em agradecimento ao Espírito Santo, a Rainha teria promovido uma festa em sua homenagem, que se repetiria a cada ano (CASCUDO, 2001). Assim como em qualquer festa da época, os “vodos” eram praticados também durante as festas do Espírito Santo, constituindo-se em doação de alimentos por parte da realeza, num verdadeiro banquete para os pobres. Durante a festividade, era escolhido um “imperador”, provavelmente alguém do povo, que era coroado no dia de Pentecostes, numa aparente inversão social, pois terminada a homenagem, todos retornavam aos seus “postos”. Ao “imperador por um dia” eram atribuídos alguns poderes, como a distribuição de alimentos e a libertação de presos.

<sup>10</sup> Segundo Gimenez (1995, p. 34-35), o governo de D. Diniz foi marcado pela oposição que lhe fazia a nobreza, tendo como representantes desta, seu irmão Afonso e seu filho, herdeiro do trono, Afonso IV. O autor revela ainda que naquela época, as cidades estavam se desenvolvendo economicamente e, nesse processo, havia dificuldade de alguns novos grupos sociais sobreviverem, como os comerciantes, os banqueiros, os administradores etc. A Rainha D. Isabel, por sua vez, auxiliava os pobres, com a construção de albergarias e a distribuição de esmolas. Talvez seja por causa dessa situação conflituosa nos setores político e econômico durante o governo de D. Diniz, que a lenda faz referência a uma crise.

Cerca de um século e meio depois, Dom Manuel (1469-1521) proibiu os “vodos” em qualquer data e restringiu a sua prática somente durante as Festas do Divino Espírito Santo (ETZEL, 1995).

E defendemos, dizem as Ordenações do Reino, que não façam vodos de comer e de beber, nas igrejas e nem fora dellas, posto que digam que fazem por devoção de algum sancto, sob pena de que o que assim pedir e receber, pagar em dobro na cadeia tudo o que receber para quem o acusar. Não tolhemos, porém, os vodos do Espírito Sancto, que fazem na festa de Pentecostes (FAZENDA, 1920, p. 366).

Assim, tornava-se oficializada a festividade em homenagem ao Espírito Santo, com direito aos “vodos” – representação da caridade com a distribuição da fartura – talvez para lembrar a superação da crise no reinado de Dom Diniz, talvez como afirma Vieira Fazenda (1920), como homenagem à Rainha Dona Isabel, a grande incentivadora dos festejos do Espírito Santo, pois, segundo Etzel (1995, p. 59), a Rainha reuniu na comemoração festiva “os elementos existentes nos usos e costumes populares”. Mesmo subordinada à religião católica, a festividade mantinha o caráter de culto aos vegetais e à natureza, incorporada, entre outros momentos, nas homenagens ao Espírito Santo.

## A FESTA DO DIVINO DE MOGI DAS CRUZES

Apesar da veiculação de notícias em revistas, jornais, panfletos, sobre a antiguidade de mais de trezentos anos da Festa do Divino de Mogi das Cruzes, nenhum documento que o prove foi encontrado<sup>11</sup> durante a pesquisa.<sup>12</sup> O mais antigo registro da Festa refere-se a uma Provisão encaminhada pela Paróquia de Santana de Mogi das Cruzes à Arquidiocese de São Paulo, para a exposição do Imperador do Espírito Santo, com data de 1822.<sup>13</sup> Cabe observar que as primeiras Provisões encontradas, relativas à Festa do Divino Espírito Santo, são de procissão e exposição “para Mogy do Imperador do Espírito Santo”, ou “para a festividade do Imperador”,<sup>14</sup> fazendo referências também à Imperatriz, como mostra o documento de 1832:

<sup>11</sup> Grinberg (1981, p. 124-125) publicou Ata da Câmara de 04/05/1613,

na qual há uma referência ao Espírito Santo como data comemorativa; aliás, no período colonial, como o tempo era marcado pelo calendário litúrgico, tal documento torna-se insuficiente para se afirmar a existência da Festa do Divino em Mogi desde o século XVII. Contudo, não foi possível ter acesso ao documento original.

<sup>12</sup> Documentos constantes no Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo, no Arquivo Histórico e Pedagógico de Mogi das Cruzes, e nos arquivos do jornal Diário de Mogi, foram pesquisados durante o ano de 2006.

<sup>13</sup> Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo – ACMSP – Registro de Provisões 1818-1827.

<sup>14</sup> ACMSP – Registro de Provisões 1818-1827.

Prov<sup>am</sup>. de Expos<sup>am</sup>. e Procissão para festivi<sup>de</sup>. do Imperador de Mogy.  
 Prov<sup>am</sup>. de Expos<sup>am</sup>. e Procissão para festivi<sup>de</sup>. da Imperatriz de Mogy.<sup>15</sup>

A denominação de “festeiros” começa a aparecer, já na segunda metade do século XIX, nas Provisões, em substituição às designações de “imperador” e “imperatriz”, que apresentam mais informações sobre as comemorações do dia de Pentecostes, realizadas sempre cinquenta dias após a Páscoa, ou seja, sem data fixa.

Provisão de Exposição e procissão p<sup>a</sup>. a Parochia de Mogy das Cruzes a favor do Festeiro do Divino Esp<sup>to</sup>. Santo e tão bem septenário [festa com duração de sete dias] a favor do Festeiro.

Dita de Exposição e Procissão p<sup>a</sup>. a Parochia de Mogy das Cruzes a favor da Festeira do Divino Esp<sup>to</sup>. S<sup>to</sup>.<sup>16</sup>

Provavelmente, por essa época, a população oriunda do campo (Serras de Itapeti e do Mar), que vivia com base na produção de subsistência, aproveitava o momento da festa para comercializar ou trocar o excedente por sal, querosene, tecido; os alimentos (dentre eles, o palmito, abundante na época) trazidos do meio rural eram colocados sobre folhas de palmito que forravam os carros de bois – meio de transporte comumente utilizado. Assim, os palmitos “entravam” na cidade, representando a distribuição da fartura, condizente com o fundamento da festa: a caridade, o fim da miséria, justiça etc.

Os responsáveis pela festa, autorizados pela Igreja (os festeiros), recepcionavam essa população com “afogado”, uma espécie de carne ensopada, rica em gordura e servida quente, com farinha de mandioca no fundo do prato. Esse é considerado o prato típico e sagrado da Festa do Divino de Mogi das Cruzes até hoje.

Com a construção da estrada de ferro no fim do século XIX e, com ela, a instalação de algumas fábricas e a imposição de um modo de vida cada vez mais urbanizado, a população de Mogi das Cruzes foi pouco a pouco rompendo sua base na economia de subsistência. Assim, mudava-se também o modo de festejar o Espírito Santo. A chegada espontânea da população rural para a festa, por exemplo, passou a ser representada pela “Entrada dos Palmitos”, apenas uma alusão ao passado. Consiste em um grande desfile com a participação de grupos de Congada e Moçambique,<sup>17</sup> alimen-

<sup>15</sup> Leia-se: “Provisão de Exposição e Procissão para festividade do Imperador (Imperatriz) de Mogy“. ACMSPP – Registro de Provisões 1828-1835, p. 153-verso.

<sup>16</sup> ACMSPP – Registro de Provisões 1867-1870, p. 6 – verso.

<sup>17</sup> Segundo (Câmara Cascuda (2001, p. 149), a congada é um

“[...] folguedo de formação afro-brasileira, em que se destacam tradições históricas, os usos e costumes tribais de Angola e do Congo, com influências ibéricas no que diz respeito à religiosidade. Lembra a coroação do Rei Congo e da Rainha Ginga de Angola, com a presença da corte e seus vassalos. Trata-se de um auto que reúne elementos africanos e ibéricos, cuja difusão vem do século XVII“. Mário de Andrade pesquisou sobre a Congada



tos e crianças em carros de bois e charretes, enfeitados com flores de papel crepom etc. A distribuição do “afogado”, logo após o desfile, ganhou caráter de ritual muito mais ligado ao sagrado e religioso, do que à ordem prática que lhe deu origem, que era alimentar e aquecer os viajantes oriundos do meio rural no frio de outono.

Segundo Grinberg (1983), naquele tempo, já aconteciam as Alvoradas (procissão pelas ruas centrais da cidade realizadas durante nove dias, sempre às cinco horas da manhã), acompanhadas pela Folia do Divino,<sup>18</sup> e constituídas por pessoas que haviam feito promessas ao Espírito Santo. Depois da procissão, todos tomavam café com biscoito, oferecidos na igreja de Santana, aliás, como ocorre até hoje. No domingo, dia de Pentecostes, eram promovidas brincadeiras para as crianças e, à noite, a procissão do Espírito Santo. A queima de fogos finalizava a festa.

Segundo o jornal O Liberal (1931, 1932), a festa era, ainda, constituída por vários outros momentos, entre eles a distribuição de presentes aos presos da cadeia local, doces e moedas para as crianças e esmolas e cobertores aos pobres, além de quermesse com várias brincadeiras. Ao final da festa, era realizado o sorteio do casal de festeiros para o ano seguinte. Os festeiros tinham (e ainda têm) o direito de escolher o casal de Capitães de Mastro, geralmente pela amizade ou pelo parentesco. A função dos Capitães de Mastro é de auxiliar em todo e em qualquer momento o casal de festeiros para a realização da Festa do Divino; o casal também é responsável pelo ritual de levantamento do mastro com a Bandeira do Divino<sup>19</sup> na ponta, erguido na véspera do dia de Pentecostes.<sup>20</sup>

Na década de 1930, circulava um “Livro de Ouro”,<sup>21</sup> no qual eram registradas doações para a festa, em dinheiro ou em espécie, como galinhas, porcos, grãos, café, etc. Por isso, tornava-se importante o festeiro ser bem

---

e o Moçambique de Mogi das Cruzes, na década de 1930. Seus registros estão em Danças Dramáticas do Brasil, 2002.

<sup>18</sup> A Folia do Divino, constituída por tocadores e cantadores, sai pelos bairros rurais angariando prendas para a Festa, carregando a Bandeira do Divino, que tem a função de abençoar as residências por onde passa. Em Mogi das Cruzes, a Folia do Divino nunca exerceu sua função plena, participando apenas das procissões dos dias festivos. A dificuldade em manter o costume da função pré-Festa está, entre outras, na falta de tempo livre, uma vez que seus componentes trabalham durante o dia, restringindo a participação na Festa do Divino. A arrecadação de prendas, em Mogi das Cruzes, fica sob os cuidados das chamadas Rezadeiras (às vezes participa algum rezador também) que, desde a década de 1980, têm exercido o papel da Folia ao visitar residências de devotos (previamente agendadas) para rezar e recolher e pedidos ao Divino, que são queimados no dia de Pentecostes.

<sup>19</sup> A Bandeira do Divino é vermelha, representando o fogo, que é uma das formas de manifestação do Espírito Santo, conforme a Bíblia. Há, no centro da Bandeira, uma Pomba Branca, outra forma de aparição do Espírito Santo, conforme já mencionado.

<sup>20</sup> Em 2007 e 2008, o levantamento do mastro ocorreu no primeiro dia da Festa do Divino, de forma diferente do que vinha ocorrendo há anos.

<sup>21</sup> O “Livro de Ouro” não circula mais, tendo sido abolido, conforme relatos de ex-festeiros, no início da década de 1980.

relacionado socialmente, ou seja, ter influência junto a uma elite que poderia contribuir com somas maiores para a festa. Assim, o “sucesso” da festa estaria garantido quanto mais bem relacionado e quanto melhor condição financeira tivesse o casal de festeiros. Nesse sentido, pode-se dizer que a festa abarca as diferenças sociais, ao passo que, assim como no passado da festa em Portugal, é proporcionada e realizada pela elite. E é preciso Lembrar-se das palavras de Lefebvre (1958), ao dizer que a prosperidade dos ricos contribuía para a prosperidade geral; assim, uma vez bem sucedida, a festa garantiria bênçãos a todos, equilibrando as forças da natureza, por meio do Espírito Santo.

A partir da década de 1950, Mogi das Cruzes iniciava um processo de intensificação de seu setor industrial, incentivando a instalação de fábricas no município. Aos poucos ia ganhando corpo o discurso da sociedade moderna e do progresso do país, a exemplo do que já se configurava em São Paulo. A Festa do Divino de Mogi das Cruzes, por seu caráter religioso popular, enfrentava, no plano ideológico, dificuldades com relação à sua aceitação, tomada como sinalização de atraso. Porém, mesmo que singelas, o Espírito Santo recebia suas homenagens.

Hoje, a Festa do Divino Espírito Santo é bastante divulgada, pois desde 1985, faz parte do calendário turístico de Mogi das Cruzes (MORAES, 2000). Portanto, o discurso, nos jornais da cidade, feito por uma camada da sociedade preocupada em manter a tradição, vai ao encontro da potencialidade turística que a festa tem. A presença marcante dos chamados “grupos folclóricos”, bem como o desfile da Entrada dos Palmitos com os carros de bois enfeitados são cada vez mais enaltecidos, com o objetivo de atrair turistas, pesquisadores, programas televisivos etc., no período da Festa do Divino. Pensava-se que, pela aparência colorida dos grupos folclóricos que chama a atenção de pesquisadores, da imprensa etc., a festa jamais sucumbiria. Assim, germinava, na passagem da década de 1980 para 1990, uma nova forma de se pensar e organizar a Festa do Divino, em nome da tradição da cultura popular.

Em 1994, um grupo de ex-festeiros fundou uma associação com o intuito de auxiliar os festeiros na realização da Festa do Divino: a Associação Pró-Festa do Divino Espírito Santo. Tal fato veio contribuir para mudanças significativas com relação não só à organização, mas também à apresentação e, em parte, ao sentido da Festa.

A Associação Pró-Divino<sup>22</sup> foi aperfeiçoando a sua logística e eficiência ao longo do tempo. Para isso, intensificou a divisão do trabalho dentro da própria Associação com a criação de coordenações, no interior das diretorias. A Associação tem atuado também na área de captação de recursos junto

<sup>22</sup> Atualmente, a Associação Pró-Divino possui sede própria, em terreno doado pela Prefeitura Municipal, no ano de 1997.

às empresas de Mogi das Cruzes. Assim, a coordenação de *marketing* oferece a essas empresas um espaço em cartazes, *folders*, aventais, bonés e demais meios de divulgação, em troca de auxílio financeiro ou material para a Festa do Divino. Dessa forma, a festa foi ganhando cada vez mais dimensões espetaculares, sobretudo pelas suas manifestações folclóricas, chamando a atenção, não só da população local, mas de turistas também, e, por isso mesmo, de empresas e da mídia (escrita e televisiva).

A Festa do Divino de Mogi das Cruzes tem seu marco inicial já com o encontro das bandeiras, em frente à casa do festeiro do ano, de onde seguem em procissão, até a Praça da Catedral de Santana onde o bispo diocesano faz a bênção das bandeiras do Divino (foto 1). Este é também o momento de abertura do Império<sup>23</sup> do Divino Espírito Santo (foto 2), montado a cada ano, na Praça da Catedral. Lá ficam guardadas as bandeiras dos festeiros e dos Capitães de Mastro. Esse é o espaço sagrado de onde partem e para onde chegam todas as procissões realizadas durante a festa.

A quermesse da festa é realizada, desde 2003, no Centro de Integração Profissional Maurício Najar (CIP). Apesar de um pouco distante da Catedral de Santana, o Centro de Integração é grande o suficiente para abrigar as barracas de comida, bebida, doces e demais diversões. A quermesse acontece todos os dias da festa, ou seja, durante os onze dias, e termina no dia de Pentecostes, sendo voluntárias as pessoas que trabalham nas barracas, sob coordenação da Associação Pró-Divino; algumas dessas barracas estão sob a responsabilidade de instituições de caridade, que repassam 25% do que arrecadam para a referida Associação. O lucro da quermesse, após o acerto de contas com as instituições e demais gastos, é entregue à diocese de Mogi das Cruzes, para obras de caridade, segundo informações de membros da Associação Pró-Divino.

Cabe observar que a quermesse representa, hoje, uma fragmentação da Festa do Divino de Mogi, uma vez que, aos poucos, foi se dissociando da centralidade da mesma – a Catedral de Santana e o Império do Divino. Acontece que, dado o aumento da participação popular na festa, a Praça da Catedral ia se tornando cada vez mais insuficiente, havendo transferência da quermesse ora para outra praça, ora para um estacionamento ou para um espaço da Prefeitura, até chegar ao CIP. Tendo grande visibilidade, a quermesse, que conta com o voluntariado, recebe também o auxílio de funcionários públicos e de empresas privadas,<sup>24</sup> inclusive do Prefeito Municipal que, durante a Festa, aparece à população e, sobretudo à mídia, como apenas mais um dentre

<sup>23</sup> Império é um local escolhido para se montar um altar do Espírito Santo. Dependendo de onde ocorre a Festa do Divino, esse local pode ser uma sala nas dependências da igreja ou capela, a própria casa dos festeiros ou, ainda, montado com material de madeira, como ocorre em Mogi das Cruzes. No Império, ricamente decorado, ficam guardadas as bandeiras dos festeiros e dos Capitães de Mastro.

<sup>24</sup> Conforme relatos, funcionários de empresas privadas e do serviço público trabalham na quermesse como voluntários, proporcionando visibilidade a essas instituições.

os muitos devotos. Pode-se dizer até, que a Quermesse é, hoje, outra Festa, pois muitos de seus frequentadores não são os mesmos que participam da chamada parte religiosa da Festa, constituída por missas, passeatas, procissões.

A partir do segundo dia de festa, à noite, inicia-se a missa da novena, na Catedral de Santana, celebração eucarística com a participação de padres da diocese de Mogi das Cruzes e suas paróquias. Logo após a novena acontece a Passeata das Bandeiras que, com a Folia do Divino, percorre as ruas do centro da cidade, visitando de duas a três residências previamente agendadas pela Associação Pró-Divino. Após as saudações cantadas da Folia, os donos da casa sempre oferecem aos presentes café, bolo, pão, chá etc.

Quando vir em sua casa  
uma bandeira chegar  
É o Divino Espírito Santo  
*que veio lhe visitar.* (Folia do Divino de Biritiba Ussu (Mogi das Cruzes))

A Alvorada ainda acontece durante nove dias, sempre às cinco horas da madrugada. A procissão, que também conta com a participação da Folia do Divino, começa e termina no Império do Divino, assim como na Passeata das Bandeiras. Dois dias da Alvorada podem ser considerados especiais: na primeira segunda-feira da festa, a procissão da Alvorada é interrompida ao chegar ao Cemitério de São Salvador, onde é celebrada uma missa pela intenção dos festeiros, dos Capitães de Mastro e dos devotos falecidos; no domingo de Pentecostes, acontece o ritual da fogueira, em que a procissão é recebida pelas pessoas que passaram a noite em vigília na igreja Nossa Senhora do Carmo. Em frente a essa igreja é acesa uma fogueira e feita uma celebração com todos os fiéis.

A tarde do primeiro domingo da festa é reservada às crianças, com várias brincadeiras, como quebra-potes, corrida do saco, corrida do ovo na colher, entre outras. Voluntários, estudantes das Universidades Braz Cubas e Mogi das Cruzes, organizados também pela Associação Pró-Divino, monitoram as brincadeiras das crianças, inserindo-as no contexto da festa.

A Entrada dos Palmitos, conforme já mencionado, acontece no sábado pela manhã, véspera de Pentecostes e é, atualmente, um dos momentos mais importantes da festa, não só pelo que representa, pela memória, tradição e identidade da população, mas também pelo fato de ser um momento de grande visibilidade da Festa, sobretudo na mídia (foto 3). A cada ano, os jornais noticiam um número maior de espectadores, uma forma de atrair, inclusive, o setor empresarial na qualidade de investidor e/ou patrocinador da Festa do Divino.

Participam do desfile várias paróquias com seus grupos de catequese, escolas, festeiros, ex-festeiros, Capitães e ex-Capitães de Mastro, devotos, bandas de música, grupos de Congada e Moçambique, boneções, carros de bois, carroças, charretes, cavaleiros, percorrendo as principais ruas do centro da cidade. A Entrada dos Palmitos traz à tona a festa pagã, uma vez que reverencia a natureza e a fartura – representada pelos alimentos – a fecundação, reprodução da vida e o futuro – representados pelas crianças, no interior dos carros de bois.

Após a Entrada dos Palmitos é distribuído o “afogado”, preparado durante a noite anterior, e consumido após cerca de duas horas de espera na fila. Afinal, o “afogado” não é um simples alimento, pois é sagrado, tendo, inclusive, poder de cura, valendo o sacrifício da espera.

No dia de Pentecostes, pela manhã, escolas e demais instituições iniciam a confecção do Tapete Ornamental pelas ruas centrais de Mogi das Cruzes. Conforme o jornal Mogi News (2003), o tapete é confeccionado com pó de quartzo e serragem, sendo utilizados também outros materiais como pó de café, areia e sal grosso. Ainda segundo o referido jornal, o tapete é tradição nas festividades de Corpus Christi, tendo sido incorporado à Festa do Divino em 1994, por iniciativa do então festeiro. Sobre o tapete percorre a procissão de Pentecostes, na qual estão presentes os grupos de Congada e Moçambique,<sup>25</sup> as Irmandades de São Benedito, Venerável Ordem Terceira do Carmo, Sagrado Coração de Jesus, Santana e Santíssimo Sacramento, as Rezadeiras, o bispo diocesano e padres, seguido do Imperador e Imperatriz (casal de crianças), dos Festeiros e do andor do Divino (foto 4) e ainda, os casais de ex-festeiros e ex-Capitães de Mastro, a Banda Santa Cecília e os devotos em geral.

No percurso da procissão são colocados sete altares com a Pomba Branca, um de cada cor, representando os dons<sup>26</sup> do Divino Espírito Santo. Ali, a procissão pára, todos rezam e uma pomba branca é solta.

Termina a procissão na Catedral onde é celebrada a missa solene, pelo bispo diocesano de Mogi das Cruzes. A Pomba que estava sobre o andor é levada para dentro da Catedral e os grupos de Congada e Moçambique ficam dançando na Praça, em frente ao Império do Divino e ao Mastro. Depois da missa ocorre a queima dos pedidos ao Espírito Santo, na presença do bispo, dos festeiros e de devotos.

<sup>25</sup> Em Mogi das Cruzes existem os seguintes grupos: Congada São Benedito, Congada Santa Efigênia, Congada Nossa Senhora do Rosário, Batalhão Nossa Senhora Aparecida e Moçambique São Benedito e Nossa Senhora do Rosário.

<sup>26</sup> Isaías, profeta de Jesus Cristo, atribuiu ao Espírito Santo sete dons, os quais são hoje representados por cores: azul – sabedoria; prata – entendimento; verde – conselho; vermelho – fortaleza; amarelo – ciência; azul escuro – piedade; roxo – temor a Deus (Isaías 11, 2), conforme Rodrigues Filho e De Carlo Filho (2004).

Ao final do dia, os festeiros fazem o agradecimento e uma prece ao Espírito Santo e fecham o Império, que será desmontado e reaberto somente um ano depois.

Geralmente, durante as celebrações de Corpus Christi é anunciado o nome do novo festeiro pelo bispo diocesano, com base em uma lista de nomes proposta pela Associação Pró-Divino.

#### ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

No processo de transformação da festa da religiosidade popular em produto a ser consumido, a Entrada dos Palmitos que tinha antes relação direta com o vivido, passa a ser um cortejo organizado para atender a interesses de determinados grupos locais. Nesse sentido, as ruas são interditadas e as rotas alternativas são divulgadas nos meios de comunicação, a fim de não provocar transtornos aos usuários; autoridades municipais se vêm ao lado de Festeiros e Capitães de Mastro carregando bandeiras do Divino; Paróquias são representadas pelas crianças da catequese e pelos grupos da comunidade; grupos de Congada e de Moçambique continuam se apresentando, só que agora têm direito a pequeno “cachê” ou ajuda de custo, embora, segundo entrevistas, este não seja o fator determinante de sua participação; a população rural da região (com charretes e carros de bois) recebe toda a assistência ao chegar para a Entrada dos Palmitos, uma vez que é convidada pela Associação. Vai-se perdendo o sentido espontâneo da participação popular numa tendência à reinvenção do tradicional, pois hoje o cortejo agrega elementos que não fizeram parte do passado da festa, o passado que se quer preservar. Terminado o cortejo, as ruas são imediatamente limpas, sem deixar vestígios do ocorrido, a fim de interferir pouco na “ordem urbana”.

Para garantir a tradição, a festa aos poucos vai se tornando mercadori-a, mediante a venda de quotas de patrocínio às empresas de Mogi das Cruzes e região. As empresas apoiadoras da festa ganham notoriedade, por meio dos folhetos e cartazes de divulgação, e da mídia. A diretoria da Associação Pró-Divino, que medeia essa negociação, por sua vez, entende que seu papel é preservar a tradição da festa e, para isso, contrapõe-se a algumas condições impostas por possíveis patrocinadores: não é em todo lugar que se pode colocar o logotipo da empresa patrocinadora. A Bandeira do Divino, a Entrada dos Palmitos, a Procissão de Pentecostes, o Tapete Ornamental são intocáveis nesse sentido; não é qualquer empresa que pode patrocinar, pois prevalece o bom senso.

Recorreu-se a Debord (1997, p. 18) para pensar no espetáculo da festa, pois, para o autor, quando a aparência ganha contornos fundamentais, é porque a vida social está tomada pelo espetáculo, subordinada aos “resultados acumulados da economia”.

O caráter espetacular da festa domina a quermesse, pois o comércio que nesse momento festivo se estabelece torna-se importante à medida que dele provém o recurso destinado ao pagamento de serviços, os quais contribuem para a transformação da festa em espetáculo.

A Festa do Divino Espírito Santo de Mogi das Cruzes reproduz as contradições da sociedade, as diferenças sociais e econômicas. A Igreja, por meio do bispo diocesano, busca seus fiéis, atraídos pelas atividades da festa e, atualmente, freia a ostentação e incentiva a realização da festa pelos diversos bairros de Mogi das Cruzes, esperando a intensificação de seu caráter religioso. Assim, como revelou a pesquisa realizada por Brandão (1978), a Igreja respeita, mas desprestigia o “lado profano” dos festejos, tentando deslocar para a tradição da festa, o aspecto mais religioso; as autoridades civis e as empresas, ao contrário, privilegiam os rituais “folclóricos” ou “lado profano”, centrando a Festa nos momentos mais atrativos aos turistas, aos curiosos, ao mercado; os “[...] agentes da Festa [devotos] trabalham no sentido de preservar o que consideram ‘suas tradições’, para eles o motivo quase único pelo qual ainda tem sentido repeti-la todos os anos” (BRANDÃO, 1978, p. 45).

A forma como é feita essa “preservação da tradição”, pelos organizadores, no caso de Mogi pela Associação Pró-Divino, é aquela sob o domínio do capital. Eis a contradição: a espetacularização da festa não pode ser entendida como um fato dissociado do contexto urbano-industrial, do processo de modernização. A festa se moderniza ao se atualizar no processo de urbanização, mas mantém não só elementos do seu passado como também aqueles de plenitude, os quais emergem no período festivo e, mesmo antes dele, durante a sua preparação. No cotidiano acelerado do processo de modernização dominado pelo capital, o tempo lento de uma sociedade agrária ainda persiste.

Ao mesmo tempo em que há uma grande organização da Festa do Divino de Mogi das Cruzes por meio da Associação, com intensa e evidente divisão do trabalho, é importante para o devoto possuir bandeira do Divino, participar da festa como voluntário e manifestar sua religiosidade, transformando a organização de caráter empresarial da qual participa em nada mais que devoção, agradecimento, alegria, esperança. Há, nesse sentido, uma tradução do espetacular para o popular que, transforma o espetáculo da festa em momento privilegiado de encontro, de reunião, de uma sociabilidade mais profunda.

Lembrando Lefebvre (1958), o acontecimento festivo reúne todas as energias acumuladas no cotidiano que explodem na abundância (de ornamentações, de alimentos, de alegria, de esperança). Os resíduos emergem na festa, mostram-se à sociedade que não se apercebe de seu potencial transformador.

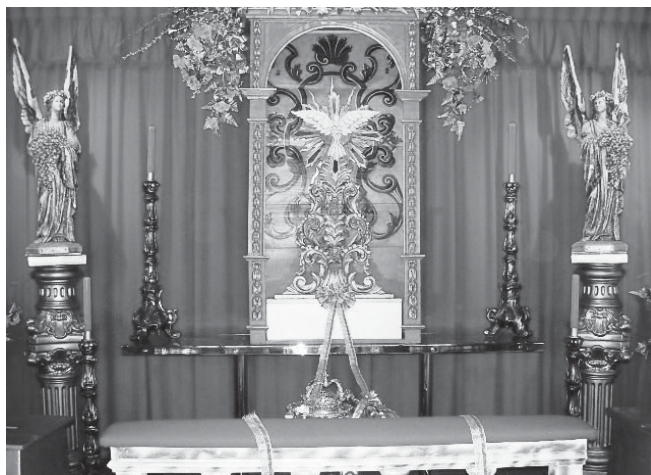
Manifestam-se as possibilidades de transformação, na alegria coletiva, no estar em festa, mesmo esta em processo de espetacularização. Essas





**Foto 1:** Cerimônia de abertura da Festa do Divino de Mogi das Cruzes, quando o Bispo Diocesano benze as bandeiras dos fiéis, em frente ao Império.

**Foto:** Neusa de Fátima Mariano/2006.



**Foto 2:** Altar do Espírito Santo no interior do Império do Divino. Chamamos a atenção para o cetro e a coroa reais, na parte inferior da foto.

**Foto:** Neusa de Fátima Mariano/2005.





**Foto 3:** O cortejo da Entrada dos Palmitos toma as ruas do centro da cidade, terminando no Império do Divino, na véspera de Pentecostes.

**Foto:** Neusa de Fátima Mariano/2006.



**Foto 4:** Andor do Espírito Santo, representado por uma Pomba Branca, durante a Procissão de Pentecostes.

**Foto:** Neusa de Fátima Mariano/2006.

possibilidades não significam retorno ao passado porque a festa é tradicional, antes visam o que está por vir ou, como diz Bloch (2005, p. 21-22), visam o “ainda-não-consciente”, aquilo que “ainda não veio a ser”, algo que ainda não se alcançou, o futuro que se almeja.

A Festa do Divino Espírito Santo de Mogi das Cruzes manifesta esse potencial que alimenta a esperança de um mundo melhor, a utopia. Resíduos fazem-se presentes na festa (os irredutíveis), por meio da cultura popular, mas “ainda-não-conscientes”, ainda não compreendidos, separados que estão, diluídos no cotidiano e no espetáculo que tende (mas se trata de uma tendência) a destruir a festa no seu sentido mais pleno.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAUJO, A. M. R. Câmara. In: *Festa do Divino e suas transformações na comunicação e na cultura*. São Paulo: Andross, 2005.

BÍBLIA. Mensagem de Deus. São Paulo: Santuário/Loyola, 1994. 1324 p.

BLOCH, E. Formas remanescentes mais antigas do tempo livre, deturpadas, porém não sem esperança: hobby, festa popular, anfiteatro. In: — *O princípio esperança*. Trad. de Werner Fuchs. Rio de Janeiro: EDUERJ/Contraponto, 2006. V. 2. p. 459-467.

\_\_\_\_\_. Prefácio. In: — *O princípio esperança*. Trad. de Nélío Shneider. Rio de Janeiro: EDUERJ/Contraponto, 2005. V. 1. p. 13-28.

BOSI, Alfredo. A cultura como tradição. In: BORNHEIM, G. et al. *Cultura brasileira: tradição/contradição*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987. p. 112-137.

BRANDÃO, Carlos R. *O Divino, o Santo e a Senhora*. Rio de Janeiro: Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro/FUNARTE, 1978. 159 p.

CANCLINI, Nestor Garcia. *As culturas populares no capitalismo*. Trad. de Cláudio Novaes Pinto Coelho. São Paulo: Brasiliense, 1983. 149 p.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. 11. ed. São Paulo: Global, 2001. 768 p.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Trad. de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997. 237 p.

ETZEL, Eduardo. *Divino: simbolismo no folclore e na arte popular*. São Paulo: Giordano; Rio de Janeiro: Kosmos, 1995. 180 p.

FAZENDA, Vieira. Antiquilhas e memórias da cidade do Rio de Janeiro. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, tomo 88, v. 142, p. 365-373, 1920.

FERNANDES, Florestan. O folclore de uma cidade em mudança. In: OLIVEIRA, Paulo de Salles (Org.). *Metodologia das Ciências Humanas*. São Paulo: Hucitec/UNESP, 1998. p. 53-80.

GIMENEZ, José Carlos. *A Rainha Isabel nas estratégias políticas da Península Ibérica: 1280-1336*. 1995. 211f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

GRINBERG, Isaac. *Folclore de Mogi das Cruzes*. São Paulo: Isaac Grinberg, 1983. 146p.

\_\_\_\_\_. *Mogi das Cruzes de 1601 a 1640*. São Paulo: Isaac Grinberg, 1981. 175 p.

LEFEBVRE, Henri. *La presencia y la ausencia*: contribución a la teoria de las representaciones. México: Fondo de Cultura Económica, 1983. 276 p.

\_\_\_\_\_. *Metafilosofia*: prolegômenos. Trad. e introd. de Roland Corbisier. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967. 399 p.

\_\_\_\_\_. Notes écrites un dimanche dans la campagne française. In: — *Critique de la Vie Quotidienne I*: introduction. 2. ed. Paris: L'Arche Editeur, 1958. p. 215-241.

MORAES, Fernando Oliveira de. *A Festa do Divino em Mogi das Cruzes*. 2000. 128 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Artes) – Departamento de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo.

ORTIZ, Renato. *A moderna tradição brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1999. 222 p.

RODRIGUES FILHO, José Maria; DE CARLO FILHO, José. *Das origens à Festa do Divino*. 2. ed. Mogi das Cruzes, 2004. 104 p.

THOMPSON, E. P. *Costumes em comum*: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. 493 p.

#### Website

Associação Pró-Festa do Divino Espírito Santo de Mogi das Cruzes. Disponível em: <http://www.festadodivino.org.br>. Acesso em 20 de maio de 2007.

#### Jornais

O DIÁRIO de Mogi. Mogi das Cruzes: 1960-. Diário. maio-jun. 1960-2006.

MOGI News. Mogi das Cruzes. Diário. 05 maio 2005.

MOGI News. Suplemento Especial – Festa do Divino. 29 maio 2003.

O LIBERAL. Mogi das Cruzes. Diário. maio 1931-1932.

O YPIRANGA. Mogi das Cruzes. 02 jul. 1899.

Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo – ACMSP

Pastas Avulsas (1 a 13) Mogi das Cruzes, SP.

Termos de Entrada de Irmãos 1722-1836. Arquidiocese de São Paulo. Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de Mogi das Cruzes.

Registro de provisões: 1818-1827; 1828-1835; 1844-1849; 1851-1857; 1857-1860; 1861-1863; 1863-1865; 1865-1867; 1867-1870; 1870-1872; 1872-1875; 1875-1878; 1878-1881; 1881-1884; 1884-1887; 1887-1889; 1889-1892; 1892-1895; 1895-1899.

Arquivo Histórico e Pedagógico de Mogi das Cruzes

Livro de Ouro da Festa do Divino Espírito Santo, de 1938.